

# (D)ESCREVER A TERRA: GEOGRAFIA, LITERATURA, VIAGEM. A GEOGRAFIA DE PORTUGAL SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO<sup>1</sup>

RUI JACINTO<sup>2</sup>

Universidade de Coimbra

**Resumo:** A relação entre Literatura e Geografia assenta numa cumplicidade nem sempre pacífica ou isenta de controvérsia, embora seja reconhecido que a Literatura encerra potencialidades para intermediar a leitura dos territórios que a Geografia não pode negligenciar. Enfatizando espacialidades e materialidades ou apostando nas geografidades, quando estão em causa imaterialidades (simbolismo, imaginário, sentidos, identidades, afetividade), exploram-se neste artigo diferentes maneiras de as paisagens e os patrimônios literários serem úteis à Geografia, das geografias literárias complementarem as interpretações geográficas e permitirem desenhar diferentes Rotas de Escritores.

Ao recorrer à Literatura para estudar os contextos regionais além de suas epidérmicas aparências, os geógrafos confrontam-se com questões de método às quais devem dar atenção. No caso vertente o cerne e elemento de ligação entre Literatura e Geografia é a viagem, que funciona para o escritor como o trabalho de campo para o geógrafo. Uma breve análise da *Viagem a Portugal* mostra como o mapa mental seguido por José Saramago não é muito distante de certa cultura territorial nem da geografia regional do País. Avaliando a extensão de cada um dos capítulos conclui-se que os dois mapas (ficcional e real) ocupam dimensões que não são substancialmente diferentes.

Partindo dos itinerários e das cartografias ensaiadas por José Saramago, a releitura da obra fornece múltiplos fragmentos que são verdadeiras legendas para um mapa que permitem (re)construir, de certa forma, a geografia de Portugal segundo José Saramago, cuja apresentação organizamos a partir de duas perspectivas clássicas da Geografia: (i) Geografia física: terra, ar, água; (geo)morfologias e ambiente; e (ii) Geografia humana: paisagem, (des)povoamento, modo de vida.

---

<sup>1</sup> O texto mantém a grafia da língua portuguesa tal como utilizada em Portugal.

<sup>2</sup> Professor da Universidade de Coimbra. Contato: rui.jacinto@iol.pt.

**Palavras-chave:** Geografia literária; Geografia e viagem; Patrimônio literário; Rotas de Escritores; Geografia de Portugal segundo José Saramago.

## (DE)SCRIBING THE LAND: GEOGRAPHY, LITERATURE, JOURNEY. THE GEOGRAPHY OF PORTUGAL ACCORDING TO JOSÉ SARAMAGO

**Abstract:** The relationship between literature and geography rests on a not always peaceful or uncontroversial complicity, although it is accepted that literature has the potential to mediate readings of the territory which geography cannot afford to neglect. Emphasizing spatiality and materiality, or focusing on geographicity whenever immateriality (symbolism, set of references, feeling, identity, affectivity) is at stake, this article explores several ways in which landscapes and literary heritage can be useful for geography, and literary geographies can complement geographical interpretations, allowing for the establishment of Writers' Itineraries.

As they resort to literature in order to study regional contexts beyond superficial appearance, geographers face methodological questions that they need to attend to. In this study, the focus and connection between literature and geography is the journey, which stands for a writer as fieldwork does for a geographer. A cooler analysis of Journey to Portugal reveals another interesting detail, when we compare José Saramago's own mental map with the regional geography of the country. Correlating the length of each chapter and the size of the planning regions, we conclude that these two maps (fictional and real) occupy spaces which are not substantially different.

Focusing on the itineraries and cartographies described by José Saramago in his Journey to Portugal, a new reading of this author's oeuvre provides multiple fragments which function as keys to a map which, in a way, allow us to (re)construct the Geography of Portugal, according to José Saramago, on the basis of two classical coordinates of geography: (i) physical geography: earth, air, water; (geo)morphologies and environment; (ii) human geography: landscape, (de)population, lifestyle.

**Keywords:** Literary geography; Geography and journey; Literary heritage; Writers' Itineraries; Geography of Portugal according to José Saramago.

## 1 - (D)escrever a terra: literatura e geograficidade

### 1.1 - Geografia e literatura: espaços e diálogos literários

“Afinal, grande é a nossa culpa, quando teimamos em ler a realidade nos livros que outra realidade registaram” (JS: 104<sup>3</sup>).

A raiz grega do termo *geographía* (*γεωγραφία*), como elucida qualquer dicionário, remete etimologicamente a "descrição da Terra" e "carta geográfica", para aquela “ciência que tem por objeto a descrição da terra e, em particular, o estudo dos fenómenos físicos, biológicos e humanos que nela ocorrem”; geógrafo será, neste sentido, “o que descreve a terra”. À luz dessa interpretação não será descabido explorar a relação entre Literatura e Geografia, a cumplicidade que geógrafos e escritores sempre alimentaram pelo recurso às mesmas paisagens, naturais ou humanas, enquanto locais comuns de investigação ou fontes de inspiração para as respetivas obras.

Essa relação não tem, contudo, sido isenta de controvérsia, como atesta uma nota de Amorim Girão escrita em 1952, quando introduziu esta matéria no seio da Geografia portuguesa:

Acusam-se muitas vezes os geógrafos de literatos, querendo significar que eles desprezam todo o contacto com a realidade, vivendo no domínio da pura fantasia. Fala-se de “literatura geográfica” quase sempre com intuitos de maldizer; e, deturpando muito embora a expressão, também se terá falado de “geografia literária” mais ou menos no mesmo sentido” (GIRÃO, 1952, p. 105).

Tanto a Geografia como a Literatura, segundo alguns (Eric Dardel, por exemplo), prosseguem “por seus métodos e caminhos próprios, buscando investigar, compreender e apresentar a experiência humana sobre a Terra”, sustentando ser essa a verdadeira “essência geográfica do mundo: geograficidade”. Para os que defendem que toda a obra literária “é essencialmente geográfica implica reconhecer a geograficidade como fundante do mundo e, portanto, de tudo que é vigente. A geografia não é

---

<sup>3</sup> As referências assim citadas reportam-se a José Saramago, *Viagem a Portugal*, 23ª ed., Editorial Caminho – Leya, 2011 [1981, 1ª edição, Círculo de Leitores].

apenas uma forma de ver o mundo (o que também o é), mas é parte da essência do mundo” (MARANDOLA, 2010, p. 25).

A frágil separação entre realidade e ficção ou a relação entre as verdades históricas e as verdades ficcionais são outras linhas de clivagens que têm levado a comentários, como o de José Saramago, a propósito do *Memorial do Convento*, o seu mais conhecido romance de fundo histórico:

(...) uma, discreta e respeitosa, consistirá em reproduzir ponto por ponto os factos conhecidos, sendo a ficção mera servidora duma fidelidade que se quer inatacável; a outra, ousada, levá-lo-á a entretecer dados históricos não mais que suficientes num tecido ficcional que se manterá predominante. Porém, estes dois vastos mundos, o mundo das verdades históricas e o mundo das verdades ficcionais, à primeira vista inconciliáveis, podem vir a ser harmonizados na instância narradora (SARAMAGO, 1990, p. 19).

Estamos perante debates antigos que se situam na instável fronteira na qual os campos recrutam adeptos entre os que contrapõem a racionalidade fria e quantitativa, associada à abordagem científica, aos que valorizam “a poética do espaço” (BACHELARD, 1989); e os que manifestam propensão a “uma poética da geografia”, no intuito de fazer surgir “frágil e nova, uma geografia poética” (ONFRAY, 2009, p. 89). Esta corrente humanista posiciona-se na Geografia pela ênfase que coloca no ser humano, particularmente sobre os valores e os significados da experiência humana (da criatividade aos comportamentos). Cita um dos seus mentores, o editor de *Humanistic Geography and Literature*, que

(...) embora seja possível encontrar as suas origens na escola Vidaliana da Geografia Humana e na Sociologia Urbana de Park, os seus inícios verdadeiros remontam aos anos 70 como reacção contra o positivismo lógico, a quantificação a qualquer custo e as explicações mecanicistas, deterministas, reducionistas, duma Geografia sem o homem (POCOCK, p. 139).

“Num mundo à procura de si mesmo, a Geografia escapa aos geógrafos” reconheceu o autor de *A região, espaço vivido*, que rematou ser “preciso reaprender o espaço e reaprender a aprendê-lo” (FREMONT, 1980, p. 257). À atualidade destas observações temos de juntar a importância que atribui à arte para qualificar e interpretar o espaço, o que o levou a considerar

que “o despertar para uma arte do espaço só é concebível na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores ou cineastas, que têm evocado, melhor do que as nossas descrições, a região dos homens” (ob. cit., p. 261). A explanação das suas ideias levou-o a deduzir, naturalmente, que “é uma nova Geografia que há que inventar, rompendo ainda divisórias entre disciplinas, com geógrafos abertos à Literatura e às Artes e homens das letras a par da Geografia” (ob. cit., p. 262).

Os que proclamam este ponto de vista observam a Terra

como um livro a decifrar – seja como obra científica, eu diria, seja como um romance ou um poema. Porque cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche seu espaço não apenas como um conjunto de instrumentos e utilitários, mas também de emoções e de sensibilidades. (HAESBAERT, 1996, p. 157)

A tênue fronteira entre razão e emoção, materialidade e sensibilidade, ciência e arte é explorada na convicção de encontrarem “uma verdadeira decifração do mundo, uma autêntica leitura do real geográfico” a partir *duma* “sábia arte combinatória” que revele toda a diversidade que pode ser vista do céu. Advogam uma “geografia coremática” que permita gerar “um alfabeto de signos, de coremas, capazes de revelarem todas as organizações espaciais legíveis nas paisagens”, ajudando “a quem viaja, apreciar melhor as paisagens, compreender melhor o que sucede aos sulcos da terra, na crosta terrestre, nas superfícies das geologias” (ONFRAY, 2009, p. 114).

Duas tendências acabam por confluir e se confundirem nessa Geografia: uma, que enfatiza as espacialidades e busca as materialidades (os fatos históricos, o ambiente físico, as estruturas sociais, os costumes, as ideologias); outra, que aposta nas geograficidades e está preocupada com as imaterialidades (simbolismo, imaginário, sentidos, identidades, afetividade). A primeira vê a arte (produção literária, por exemplo) como documento, “como expressão material da cultura, da sociedade, do momento histórico de um dado território”; a segunda vê “a manifestação artística como potência criadora de mundos”. Independentemente daquelas condicionantes, o fato da Literatura poder intermediar a leitura dos territórios confere-lhe potencialidades que a Geografia não pode ignorar e deve aproveitar; os escritores, por seu lado, não ignoram o contributo dos geógrafos no desenho dos mapas mentais que podem aproveitar às suas descrições, designadamente de recônditos locais e de inóspitas regiões.

Estas geografias, íntimas e plurais, alternativas às culturas territoriais dominantes, facultam leituras que não se resumem às dicotomias espaciais maniqueístas que se limitam a contrapor opostos, seja o urbano ao rural, o vale à montanha, o litoral ao interior, etc. A experiência e a estética podem contribuir, deste modo, para refinar o conhecimento geográfico, pois

(...) a geograficidade de escritos diversos pode ser tomada como fonte de análise privilegiada, uma vez que os escritores constroem suas cosmovisões a partir de geosofias (isto é, experiência e conhecimento do espaço) que incluem alusões ao ambiente e à paisagem (fisionomias, morfologias, cores e cenas.) (MACIEL, 2004, p. 118).

A incursão de alguns geógrafos nesses temas tem fertilizado o conhecimento geográfico com perspectivas inovadoras provenientes da Literatura. Yves Lacoste, ao discorrer sobre o romance *Le Rivage des Syrtes*, do escritor geógrafo Julien Gracq, reconhece que “a escolha que faz da localização geográfica dos dramas que ele nos conta não deve, sem dúvida, nada ao acaso, sendo preciso interrogar sobre as razões desta escolha”, o que lhe permite construir, a partir de profundas razões geográficas e políticas, o mapa mental que o autor deixou implicitamente plasmado naquela sua obra (LACOSTE, 1980, p. 174).

Sem nos alongarmos na recensão bibliográfica sobre uma matéria tão ampla, não deixaremos de mencionar alguns exemplos de ensaios geográficos que revisitam territórios e obras icônicas de alguns escritores: o sertão baiano e a cidade de Salvador, de Jorge Amado (SILVA e SILVA, 2010); as paisagens do Douro, a partir da leitura geográfica da obra de Miguel Torga (CHOUPINA, 2005), os Avieiros de Alves Redol e a Gândara de Carlos Oliveira (CRAVIDÃO, 1992; 2003; 2007), *A paisagem de Terras do Demo* (QUEIROZ, 2007), ou a geografia da obra de Fernando Namora (JACINTO, 1995; 1998).

Uma das maiores virtudes do diálogo entre Geografia e Literatura, como referiu-se Marandola, será o de “buscar os traços essenciais da experiência geográfica do mundo. Mas, ao invés de carregar para dentro da literatura conceitos geográficos, trazer da experiência do mundo narradas na pena do escritor, sentidos para a Geografia” (2010, p. 26). À luz dessas interpretações a narrativa literária adquire o sentido da existência e parte do mundo acabando por adquirir “traços de geograficidade ou simplesmente geografias” (ob. cit., p. 25). Ou, como outros preferem, gerar a partir duma

poética da geografia “uma estética materialista e dinâmica, uma filosofia das forças e dos fluxos, formas e movimentos” (ONFRAY, 2009, p. 113).

## **1.2. Paisagens e patrimônios literários: das geografias literárias às Rotas de Escritores**

Aquilo que perseguimos agora ao relacionar ciência e arte, para a segunda “iluminar” a primeira, já estava claramente demonstrado na obra de um dos pais da Geografia: Alexander von Humboldt. Em sua obra magna – O Cosmos – o sábio naturalista preocupou-se tanto em examinar os méritos da descrição literária quanto aqueles da pintura das paisagens como poderosos auxiliares da percepção da natureza, nos diferentes lugares. No primeiro caso ele brindou-nos com uma brilhante apreciação dos Lusíadas de Camões a quem imputa a virtude de ser “no sentido próprio do termo, um grande pintor marítimo (MONTEIRO, 2008, p. 196).

A geografia informal, de experiências e vivências, pode representar uma verdadeira Geosofia (geografia do conhecimento), cara a John K. Wright (1945), “geografia feita além dos muros da Universidade antes de qualquer cátedra de geógrafo: uma geografia experiencial, vigente no mundo independente de qualquer geógrafo profissional”, que inspirou e continua a inspirar alguns geógrafos (MARANDOLA, 2010, p. 26). A relação entre Geografia e Literatura, além das vantagens recíprocas, pode enriquecer aquelas geografias vivenciais, como reconheceu Amorim Girão quando afirmou que “nenhum geógrafo evocou melhor as estepes russas do que Tolstoi, nem a região cheia de sol da Provença teve melhor intérprete que Mistral, nem as áridas planícies manchegas mais genial paisagista que Cervantes”. Não será preciso citar outros exemplos da literatura estrangeira para tirar a mesma conclusão: *A Musa Alentejana*, do Conde de Monsaraz, é “um fiel documentário da paisagem e da vida nas dilatadas planícies transtaganas”; o romance *Maria Mim*, de Nuno de Montemor, mesmo para quem conhece “as paisagens severas e majestosas da Beira Transmontana” é uma boa e emocionante introdução a “essas paisagens, e penetrar ao mesmo tempo na especial maneira de ser das gentes que lhes dão vida” (GIRÃO, 1952, p. 105-106).

Esta breve introdução elucidada sobre certos horizontes que a Literatura pode aportar à Geografia, sobretudo quando as obras se confundem e os escritores melhor se identificam com determinados territórios. O percurso de vida de um escritor não deixa de influenciar, também, o itinerário da sua obra: muitos romances de Jorge Amado, Aquilino Ribeiro ou Fernando Namora, como os de tantos outros autores, ao referenciarem tempos e espaços bem marcados, adquirem uma implícita e sutil geografia que não pode ser negligenciada quando os geógrafos pretendem estudar tais contextos regionais para além de epidérmicas aparências. Produzido pelo IBGE, o *Atlas das Representações Literárias das Regiões Brasileiras*, que se enquadra nesta linha de preocupação, é o melhor exemplo de um vasto e ambicioso projeto que mostra bem como a partir de fragmentos literários representativos das paisagens e dos ambientes físicos e humanos de diferentes regiões e estados da federação, se cruzam os olhares dos escritores com interpretações de geógrafos.

Os sertões brasileiros, que tantos e tão coloridos romances inspiraram, estão na origem do segundo volume desta obra publicada em 2009, na qual encontramos referências teóricas e práticas que nos ajudam a enquadrar a matéria em apreço, pois

(...) na gênese de uma narrativa literária regional os sentidos histórico e ordinário são impregnados de circunstâncias geográficas (concretas e imaginárias) precisas, além do estilo do autor. Como frequentemente a paisagem possui o poder de generalização de um sentido parcial em global, onde fragmentos extraídos de certas características básicas tornam-se representativos do todo (metonímia), evidencia-se sua potência comunicativa e o grande interesse de estudo dos processos mentais inerentes à sua instituição simbólica enquanto imagem da região (MACIEL, 2004, p. 118).

O *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental*<sup>4</sup>, embora corresponda a um projeto similar, ainda não apresentou frutos equivalentes.

---

<sup>4</sup> O projeto *Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental* (LITESCPE.PT) resulta de uma parceria entre o IELT, o IHC - Instituto de História Contemporânea (FCSH)-, a *Fabula Urbis* e a Fundação Eça de Queiroz, aparecendo “integrado na sua linha de ação Falas da Terra. Ele é “um projeto de investigação interdisciplinar, com uma forte componente de divulgação e apoio à decisão. Pretende (1) ligar a literatura ao território, potenciando a recíproca valorização das obras literárias e das paisagens nelas representadas;



Entre nós o interesse por esse tipo de abordagem remonta à obra organizada por Vitorino Nemésio, *Portugal, a terra e o homem*, antologia de textos de escritores, destinada aos cursos de Língua e de Literatura Portuguesa no estrangeiro, que seria publicada, em 1948, pelo Instituto para a Alta Cultura. Esta edição, segundo o autor, tinha por objetivo “fornecer ao mesmo tempo boa literatura e temas objetivamente portugueses”, disponibilizando estratos de obras representativas de “alguns quadros essenciais da vida portuguesa: território, povo, costumes, terras”, situando o leitor “no tecido vivo da língua e no âmago da vida corrente: paixões, ideias, hábitos”. Curiosamente, esta obra foi reeditada em 1978, pela Fundação Calouste Gulbenkian, para celebrar o Dia de Portugal; a partir de 1979, a sua continuação e ampliação foi assegurada durante algum tempo por David Mourão-Ferreira, com a colaboração posterior de Maria Alzira Seixo.

Por estar em sintonia com este espírito, a avaliar pelo prefácio do volume dedicado à Estremadura, Alentejo e Algarve (1927), merece particular destaque o *Guia de Portugal*, ideia visionária de Raul Proença, cuja leitura permanece útil e atual. O seu mentor escreveu no prefácio não pretender “um simples roteiro, um inventário inerte e seco, antes um livro que ajudasse a sentir a beleza das paisagens e das obras de arte, a entendê-las, a apreendê-las nas suas mútuas relações e a situa-las nos seus quadros naturais. O meu intento, numa palavra, foi fazer deste guia a *geografia pitoresca de Portugal* (XLI). Além de técnicos, informadores locais e especialistas de diferentes áreas do saber (Antropologia, História, etc.), o guia se beneficiou da colaboração de geógrafos (Amorim Girão, Carlos Alberto Marques, Virgílio Taborda, Silva Teles e Orlando Ribeiro) e de muitos escritores, desde logo os signatários da fiança perante o Estado, amigos que se solidarizam com Raul Proença para assegurar a viabilidade e continuação do projeto: Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Câmara Reys, Ferreira de Castro, Raul Lino, Reynaldo dos Santos, Samuel Maia e Sant’ Ana Dionísio. O guia, que ainda se consulta com agrado e proveito, veio a receber, ao longo dos vários volumes que cobrem as diferentes regiões do país, contributos de muitos outros consagrados

---

(2) contribuir para o conhecimento do património natural e cultural, elementos-chave das identidades locais e regionais; (3) concorrer para a literacia ambiental, sobretudo no âmbito dos padrões e processos ecológicos associados às paisagens atuais; (4) ajudar a implementar a Convenção Europeia da Paisagem, nomeadamente na definição dos objetivos de qualidade paisagística a preservar e a valorizar.” (Disponível em: <<http://paisagensliterarias.ielt.org/projeto>>).

escritores (Jaime Cortesão, Vitorino Nemésio, Eugénio de Castro, João de Barros, Raul Brandão, Teixeira de Pascoais, etc.). A geograficidade contida nas obras de muitos escritores portugueses é suficiente para se esboçar, a partir da literatura, tanto uma certa *Geografia literária de Portugal* como diferentes *Rotas de Escritores*.

Estas rotas ficam enriquecidas se as completarmos com a descrição das diversidades e especificidades regionais, feitas a partir das obras *O trigo e o joio*, *Cerromaior*, *Levantados do chão* e *Galveias*, por exemplo; de outros elementos simbólicos, como em *Viagem do Elefante*, e dos sinais materiais que diferentes autores foram deixando inscritos no território ao longo dos respectivos percursos de vida (casas-museu, museus, centros de interpretação, bibliotecas, fundações, espólios, etc.).

Outros autores legaram a sua visão global do país, em que destacamos Miguel Torga (*Portugal*, 1950), Jaime Cortesão - cujo *Portugal, a terra e o homem* (1966) recebeu, curiosamente, título idêntico à antologia de Vitorino Nemésio -, a que se pode juntar José Saramago, num outro registro, com a sua *Viagem a Portugal*, que teve a primeira edição em 1981. Outros legaram-nos obras de cunho regional, que remetem para lugares e territórios específicos, das quais se têm definido diferentes rotas de escritores, de âmbito regional e local, de que damos alguns exemplos:

- *Rota dos escritores do século XX*, definida na Região Centro, em 2003, a partir de Miguel Torga, Vergílio Ferreira, Afonso Lopes Vieira, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Aquilino Ribeiro e Eugénio de Andrade cujas obras estruturariam uma viagem pelo património cultural dos distritos a que estiveram mais ligados (Cantanhede, Coimbra, Miranda do Corvo, Condeixa-a-Nova, Idanha-a-Nova, Fundão, Gouveia, Leiria, Marinha Grande e Vila Nova de Paiva).

- *Viajar com... os caminhos da literatura*, organizados pela Delegação Regional da Cultura do Norte, define roteiros literários a partir de escritores ligados à Região Norte, tais como Eça de Queiroz, Thomaz de Figueiredo ou, no caso do Douro, Domingos Monteiro, Pina de Morais, João de Araújo Correia, Aquilino Ribeiro, Trindade Coelho, Guerra Junqueiro ou Miguel Torga.

- *Lugares alentejanos na literatura portuguesa* (Estação Imagem, 2009), projeto patrocinado pela Câmara Municipal de Mora, onde doze fotógrafos e dois designers traduzem em imagens os lugares e o universo ficcional de outros tantos livros e escritores representativos de certas áreas

do Alentejo (Conde de Monsaraz, Fialho de Almeida, Florbela Espanca, José Régio, Manuel da Fonseca, Virgílio Ferreira, Fernando Namora, Antunes da Silva, José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues, Mário Ventura Henriques, Hugo Santos, Miguel Sousa Tavares, Clara Pinto Correia e Eduardo Nogueira). Este mesmo conceito, aplicado a um escritor, já tinha sido explorado na exposição - livro *Fernando Namora, nome para uma vida* (CENTRO CULTURAL RAIANO, 1997).

- *Rotas de escritores a nível local*, estruturadas por alguns municípios, correspondem quase sempre a percursos urbanos. Leiria assinala a ligação de cinco escritores à cidade, identificando vinte e cinco pontos no centro histórico relacionados com Eça de Queiroz, Miguel Torga, Afonso Lopes Vieira, Francisco Rodrigues Lobo e Acácio de Paiva. Coimbra, que em determinada época foi uma incubadora de correntes literárias e um alfofre de escritores, consagrou a célebre Torre de Anto a António Nobre, dedicou o edifício onde viveu João José Cochofel a uma Casa da Escrita e transformou a residência de Miguel Torga em Casa Museu.

José Saramago, nesta sua *Viagem a Portugal*, não deixa de esboçar, também uma rota de escritores que lhes vieram à memória quando passou em alguns lugares, esquecendo outros, porventura intencionalmente, dos quais Monsanto e Fernando Namora será o caso mais flagrante<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>“Adiante é a Samardã, lugarejo entronado na encosta do monte, apostemos que está como Camilo a deixou” (JS, p. 71); “Porém, já fora de Amarante, trata-se de descobrir S. João de Gatão, onde é, onde não é, não faltam as indicações, estes homens que fazem a vindima empoleirados em altas escadas (...) Esta casa é de poeta. Viveu aqui Teixeira de Pascoais, debaixo daquelas telhas morreu” (JS, p. 81); “Teixeira de Pascoais não é dos mais preferidos poetas do viajante, mas o que comove é esta casa de homem, este leito pequeno como o de S. Francisco de Assis, esta rusticidade de ermitério, a lata das bolachas para a fome das horas mortas, a tosca mesa dos versos” (JS, p. 83); “Em vila do Conde, que está logo adiante, recebe o viajante muitas compensações. A casa de José Régio também está fechada, chegou o viajante em dia desacertado, mas há estas sinuosas serpentinhas ruas do bairro de pescadores” (JS, p. 107); “Ereira, terra onde nasceu e viveu Afonso Duarte, um dos maiores poetas portugueses deste século, hoje inexplicavelmente apartado das atenções” (JS, p. 209); “terem nascido nesta boa vila de Montemor o Fernão Mendes Pinto da peregrinação e o Jorge de Montemor de Diana” (JS, p. 212),

Este pano de fundo permite contextualizar e compreender o motivo que nos levou a adotar a geograficidade contida na *Viagem a Portugal* de José Saramago, para explorar a geografia latente nesta obra (JACINTO, 2013). Outras obras do autor, pelas ricas e acutilantes descrições interpretativas que fazem da sociedade e do espaço, mesmo quando metafóricas e supostamente ficcionais, como acontece em *A jangada de pedra*, não deixam de apelar a exercícios especulativos de geografia prospetiva. José Saramago, embora não sendo geógrafo, não deixava de estar munido de uma cultura territorial com que leu e interpretou o país. A preparação da *Viagem* terá beneficiado de ensinamentos colhidos no *Guia de Portugal*, atrás referido, da leitura direta ou indireta de alguns geógrafos, sobretudo Amorim Girão e Orlando Ribeiro, eventualmente das suas obras mais divulgadas, fosse a *Geografia de Portugal* ou *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. As observações de campo feitas durante a viagem, temperadas pela subjetividade do olhar e a reflexão pessoal de José Saramago, acrescentaram valor ao conhecimento inicial, sedimentando informação suficiente para podermos concluir que a cultura territorial do autor quando termina a sua viagem será incomparavelmente superior a inicial.

Os mesmos propósitos que nos animam foram expressos por Carlos Augusto Figueiredo Monteiro num ensaio recente sobre Espaço Geográfico e Arte (*O Pacto das Veredas Mortas*) quando diz que “como geógrafo, desde final dos anos oitenta, vinha atrevido-me a focalizar a obra de Guimarães Rosa com o intuito de, em algumas das suas produções, extrair-lhes o conteúdo geográfico”. Porque, segundo ele, “ao que tudo indica, a sobrevivência e afirmação da Geografia seria um ‘retorno’ – que não quer significar repetição mas revalorização – ao seu core que, sem dúvida, é a interação da Sociedade com a Natureza”. A enorme capacidade que a Geografia revela para entender as intimidades entre a Sociedade e a Natureza, sobretudo “nesses momentos de grandes crises, poderia adquirir foros de aplicabilidade como uma ‘Medicina da Terra’” (MONTEIRO, 2008, p. 151-117). Aproveitando os ensinamentos deste autor - expressos numa palestra sobre Geografia Física e contemporaneidade - tentarei interpretar a *Viagem a Portugal*, de José Saramago, a partir das coordenadas que serão expressas nos próximos tópicos. Esse exercício não será, contudo, nem uma tentativa de “geografização” de obras literárias nem uma “literaturização” das temáticas geográficas.

## **2 - A Viagem a Portugal de José Saramago: itinerários e cartografias**

### **2.1 - Questões de método: trabalho de campo, viagem, literatura**

A ideia que a geografia repousa sobre a prática de terreno só se impõe tardiamente: o geógrafo não é um explorador ou um viajante; o seu trabalho não consiste em relatar o que observa em cada lugar, mas transformar a visão pontual dos que estão em contato com o real numa visão de conjunto, na qual os campos se distinguem, as linhas se desenhem, as convergências aparecem. Que traz o terreno? Ele garante a autenticidade das observações recolhidas e permite descobrir realidades que escapam às outras estratégias de investigação. (CLAVAL, 2013)

A viagem está para o escritor como o trabalho de campo para o geógrafo, pois este como “o viajante anda à descoberta do que não sabe, tem de correr seus riscos” (JS, p. 93), buscando inspiração para a ficção ou elementos para alimentar a investigação. Tais nomadismos, diferentes nos objetivos, na forma e no método, são ditados pela razão e pelo coração, decorrem tanto de imperativos e necessidades objetivas como são motivados pela curiosidade e o romantismo que emana da aventura. A viagem, que para alguns teve origem no castigo imposto ao primeiro fratricida, obrigado a andar “errante e perdido pelo mundo” (SARAMAGO, *Caim*, p. 39), depressa se transformou numa libertação, pois viajar pressupõe “recusar o horário laborioso da civilização em proveito do lazer inventivo e jovial. A arte da viagem exorta a uma ética lúdica, a uma declaração de guerra ao controle e à cronometragem da existência” (ONFRAY, 2009: 15).

Há um tempo e um modo de viajar como foi o caso específico desta *Viagem* empreendida por José Saramago, para quem as “terras marginais são prediletas do turismo. O viajante não é turista, é viajante. Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar” (JS, p. 466). Estamos perante uma ideia igualmente cara ao geógrafo, que investe tempo nas suas deslocações para encontrar e investigar novos lugares na esperança de descobrir e explicar a razão de ser dos acontecimentos naturais e humanos que aí ocorrem.

Sabemos que “toda a viagem esconde e revela uma reminiscência” (ONFRAY, 2009, p. 34), que são múltiplas as motivações para a viagem e que qualquer viajante acaba por se interrogar sobre o sentido da mesma: “Que faz em todas as povoações e lugares onde entra? Olhar e passar, passar e olhar. Já se sangrou em saúde, já declarou que viajar não é isto, mas sim estar e ficar” (JS, p. 391). Há também um estado de espírito específico que muda ao sabor da viagem, do seu desenrolar e dos contextos geográficos percorridos: “Salvo se o viajante cede uma vez mais à inclinação para transferir os seus próprios estados de espírito para o que vê (...) bem diferente seria a viagem, e o relato dela, se o viajante pudesse lançar-se na aventura de devassar o interior sertanejo” (JS, pp. 466-600).

A Geografia é herdeira do vasto património acumulado pelos grandes exploradores e as inúmeras viagens que fizeram ao longo dos tempos para darem a conhecer novos mundos ao mundo. Sem recuarmos aos mais antigos, recordemos apenas Alexandre de Humboldt, que viajou pela América Latina, e Vidal de La Blache, que consagrava as suas férias a percorrer de comboio e a pé a França e os países vizinhos com “a vontade de melhor formar os franceses e os fazer compreender o mundo através da prática do terreno e do conhecimento da geografia. Este engajamento ajuda a construir tanto o cidadão como o geógrafo”. O trabalho de campo e o terreno, apesar de tudo, são uma “ideia menos universal do que pode parecer à primeira vista”, resulta de uma “prática que se transmite de boca a orelha sem ser alvo dum ensino sistemático”, ocupando “um papel central na mitologia do geógrafo. A sua prática aparece ao jovem investigador como uma comprovação, um rito iniciático” (CLAVAL, 2013).

Muitas e variadas são as motivações e as formas de viajar. “Eis a boa filosofia: tudo é viagem. É viagem o que está à vista e o que se esconde, é viagem o que se toca e o que se adivinha, é viagem o estrondo das águas caindo e esta sutil dormência que envolve os montes” (JS, p. 321). A viagem e o trabalho de campo despertam curiosidade e desejo, proporcionam experiências solitárias, como aconteceu na *Viagem a Portugal* realizada por José Saramago, ou de grupo, como são as excursões tão caras aos geógrafos. O trabalho de campo e as saídas para o terreno, assim como o desporto, ainda no século XIX, foram reconhecidos pelo valor pedagógico intrínseco que encerram, por proporcionarem o contato com a natureza e a vida ao ar livre, representando experiências cívicas positivas que são fundamentais na formação da juventude. O *outdoor learning*, apresentado atualmente como uma inovação educativa, radica nesta longa experiência e no elevado

potencial pedagógico que encerra o contato com o terreno proporcionado pelo trabalho de campo.

Viagem e trabalho de campo têm os seus rituais e constrangimentos, exigem uma logística que apoie o viajante no transporte, na alimentação (gastronomia) e no albergue, permitindo repouso e recuperação da fadiga. É exigido ao verdadeiro viajante registros para memória futura, escritos ou fotográficos, mapas que permitam orientar a caminhada: “o viajante consulta os seus grandes mapas, segue com um dedo decifrador o traçado das estradas, e faz isto lentamente, é um prazer de criança que anda a descobrir o mundo.” (JS, p. 75).

O rosário de lugares que definem o itinerário seguido por José Saramago, a avaliar pelo número de vezes que são citados no livro, denunciam, como veremos, uma estratégia e um apurado planeamento, no qual levou em consideração além de alguns pressupostos que deixou expressos, outros objetivos que ficaram implícitos. A viagem que foi efetivamente realizada não deixa de conter outras viagens, mais íntimas, secretas e subjetivas, seguramente mais motivadoras para o autor que a realmente efetuada por dever de ofício:

(...) ciente de que, se souber encontrar as pontes e tornar claras as palavras, ficará entendido que é sempre de homens que fala, os que ontem levantaram, em novas, pedras que hoje são velhas, os que hoje repetem os gestos da construção e aprendem a construir gestos novos. Se o viajante não for claro no que escreve aclare quem o ler, que é também sua obrigação. (JS, p. 277).

## **2.2. Viagem e inclusão territorial: lugares, itinerários, destinos**

Uma pessoa olha o mapa e fica logo cansada. E, no entanto, parece que tudo ali está perto, por assim dizer, ao alcance da mão. A explicação, evidentemente, encontra-se na escala. É fácil de aceitar que um centímetro no mapa equivalha a vinte quilómetros na realidade, mas o que não costumamos pensar é que nós próprios sofremos na operação uma redução dimensional equivalente, por isso é que, sendo já tão mínima coisa no mundo, o somos infinitamente menos nos mapas. (JS, *Viagem do Elefante*, p. 161).

A primeira edição da *Viagem a Portugal*, nas páginas finais, divulga alguns mapas onde se apresentam, além dos lugares assinalados, as deambulações feitas por José Saramago no país, “alguns itinerários sugeridos pelo autor a quem pretenda reproduzir a sua experiência”. Embora se reconheça que mais importante que o destino é a viagem, estamos quase sempre obrigados a chegar a um lugar, a cumprir um itinerário que melhor responda aos propósitos que motivaram a viagem. Neste caso, “o viajante viaja por mor de casos gerais e interesses que devem ser de toda a gente, em especial os que toquem os domínios da arte” (JS, p. 400). A missão que tinha assumido exige profissionalismo e organização pois o “viajante não se confunde com o turista que leva-e-traz, mas nesta sua viagem não lhe cabe tempo para mais indagações que as da arte e da história” (JS, p. 277).

Além dos lugares, territórios e paisagens mais representativas e icónicas do país, as que qualquer cidadão - na gíria dos guias turísticos mais banais - deve visitar antes de morrer, o livro de Saramago leva-nos a outros lugares aparentemente mais simples e banais. Esta *Viagem a Portugal* sobrepõe vários mapas, essa ferramenta imprescindível ao planeamento de cada jornada: “o viajante olha o mapa: se esta curva de nível não engana, é altura de começar a descer. À direita fica um largo e extenso vale” (JS, p. 48). O livro encerra, portanto, uma geograficidade complexa, que se depreende tanto do que descreve dos espaços presentes, que foram objeto de referências diretas, como dos ausentes que não foram percorridos, pelo o autor não considerar interessante lá ir ou pela impossibilidade de o autor ir a todo o lado. A essas ausências juntam-se espaços em branco, intencionalmente apagados na cartografia que o livro tem implícita, sem qualquer referência por não sensibilizarem o escritor ou porque a paisagem, o meio natural ou a presença humana não apresentam marcas dignas de registo ou que mereçam destaque: “sem desdouro para Fornos de Algodres e Mangualde não teve história a jornada para Viseu” (JS, p. 292).

A edição do livro em questão que temos termina com um longo índice toponímico, no qual estão referenciados os 572 lugares mencionados ao longo do texto. A sua análise permite estabelecer uma hierarquia dos locais visitados, em função do número de citações - ditadas por critérios subjetivos, porventura inconscientes, pela sensibilidade, imaginário e interesses do autor. Centrando-nos apenas nos 53 lugares citados no livros mais de 4 vezes (9% do total de lugares mencionados), a hierarquia dos lugares mais importantes, segundo José Saramago, aponta para os seguintes níveis



hierárquicos: *Nível I* (1 lugar citado 33 vezes) - Lisboa; *Nível II* (2 lugares com 12 referências) - Coimbra, Porto; *Nível III* (4 lugares, 9 a 11 referências) - Sintra, Vila Real, Bragança, Évora; *Nível IV* (7 lugares com 7 e 8 referências) - Braga, Monsanto (Idanha), Óbidos [8], Alcobaça, Aljubarrota, Guarda, Torres Vedras [7]; *Nível V* (17 lugares com 5 e 6 referências) - Leiria, Tomar, Viana do Castelo, Guimarães, Beja, S. João Tarouca, Mértola, Cidadelhe, Rio de Onor [6]; Faro, Aveiro, Castelo Branco, Abrantes, Amarante, Belmonte, Serpa, Marialva, S. Quintino [5]; *Nível VI* (22 lugares, 4 referências) - Portalegre, Santarém, Viseu, Torres Novas, Vila do Conde, Águeda, Barcelos, Estremoz, Fundão, Pinhel, Mirando do Douro, Batalha, Bom Jesus, Mafra, Salzedas, Idanha (Velha e Nova), Álvaro, Escarigo, Juromenha, Rendufe, Rio Mau, Torre de Palma.

A *hierarquia dos lugares segundo Saramago* não obedece, como vimos, a um escalonamento que se possa correlacionar estrita e linearmente com a importância administrativa, urbana ou econômica daqueles lugares, o que denuncia, antes, uma importância resultante da apreciação subjetiva do autor às aldeias, vilas e cidades que visitou. O roteiro seguido, que é igualmente proposto para futuros visitantes, assenta num pressuposto que não deixa de ser intencional: colocar no mapa e dar visibilidade a certos lugares isolados, esquecidos, recônditos, normalmente fora dos percursos comuns feitos pelo tipo de turista que engrossa o turismo dominante. As cidades maiores e mais conhecidas são economicamente descritas, Saramago faz apenas as referências essenciais para cumprir missão e responder à encomenda. Os lugares pequenos, perdidos e moribundos, são os que mais o fascinam, exercem maior apelo e levam o autor a dedicar mais ternura, empenho e emoção.

O roteiro que serve de alinhamento à descrição da viagem está carregado de intencionalidade, fazendo toda a diferença o sentido que adotou para o itinerário. A viagem inicia-se em Mirando do Douro, fronteira com a Espanha, começa de leste para oeste, do interior para o litoral, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Simbolicamente tem início com uma pregação aos peixes do rio Douro, arranca no interior mais profundo, como se o autor entrasse em Portugal pelas traseiras, vindo de fora para dentro. Esta viagem termina em Sagres, onde também simbolicamente teve início uma outra viagem com a partida das caravelas.

A *Viagem* é, pois, uma peregrinação por lugares remotos, permitindo que seja lida também como um exercício de cidadania a favor dos esquecidos, uma luta pela inclusão dos que, estando longe da vista, ficam

perto do coração do autor. Neste sentido, os itinerários contemplados em *Viagem a Portugal* são sutis apelos à inclusão territorial feitos por um viajante comprometido com as pessoas e os territórios mais deserdados, um cartógrafo que desenha neste livro um mapa de afetos na expectativa de reverter o ostracismo a que estão devotados tais lugares e territórios numa geografia de esperança.

### **2.3 - Saramago, os mapas e a Carta Regional de Portugal**

É tempo de explicar que quanto aqui se diz ou venha a dizer é verdade pura e pode ser comprovado em qualquer mapa, desde que ele seja bastante minucioso para conter informações aparentemente insignificantes, pois a virtude dos mapas é essa, exibem a redutível disponibilidade do espaço, previnem que tudo pode acontecer nele. (J. S., *Jangada de Pedra*, p. 20).

Os mapas ajudam a antecipar a viagem e a descobrir o que muitas vezes nos escapa no terreno: “com um mapa, iniciamos a nossa primeira viagem, seguramente a mais mágica, de certeza a mais misteriosa. Porque evoluímos numa poética generalizada de nomes, de traçados, de volumes desenhados, de cores” (ONFRAY, 2009, p. 27). Saramago dá muita atenção aos mapas, seus companheiros de viagem: “E quando numa sombra se detém para consultar os mapas, repara que na carta militar que lhe serve de melhor guia não está reconhecida como tal a fronteira face a Olivença. Não há sequer fronteira (JS, p. 549). O poder de observação remete o autor a uma reflexão sobre fronteiras, não deixa passar em claro um tema pertinente para a Geografia, que muitos geógrafos nem sequer observariam:

O Guadiana banha de vida as suas margens, sem distinguir entre a de cá e a de lá, que, a avaliar pelo mapa, é de cá também, e dá a curiosa sensação de ser, correndo à vista de um lugar habitado, um rio selvagem. É, com certeza, o mais ignorado da terra portuguesa. (JS, p. 551).

Munidos de um mapa nunca ficamos desarmados, entregues a nós próprios, à mercê do desconhecido: é um recurso que, embora simplifique e reduza as formas do relevo e os elementos humanos (terras de cultivo, vias de comunicação, habitat etc.), estimula o gosto pela paisagem, fornece referências fundamentais para ler e interpretar o território. O geógrafo, como o viajante mais experiente, tem no mapa um aliado, um instrumento de

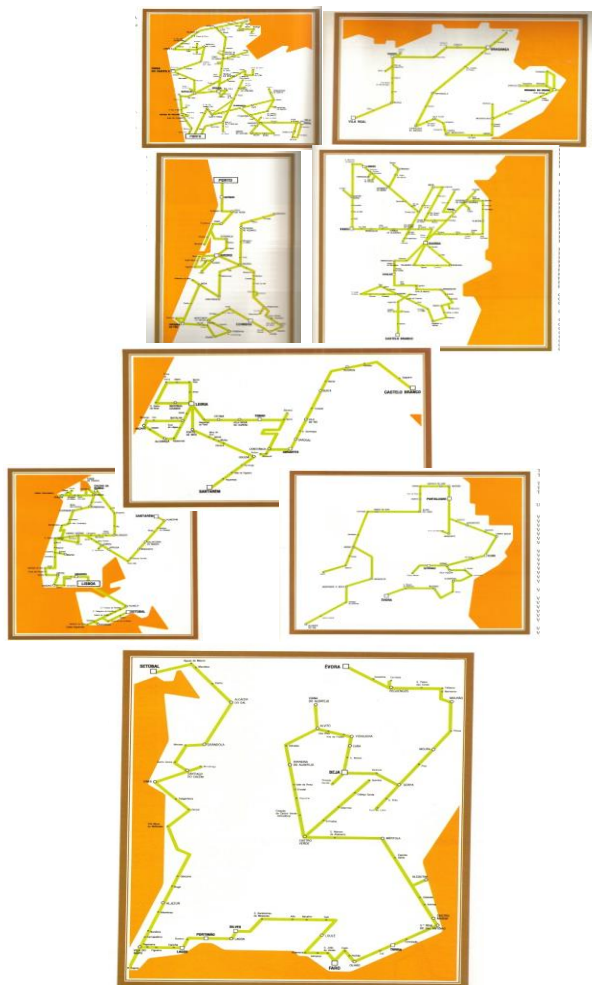
trabalho privilegiado que usa para programar viagens, reais ou virtuais, profissionais ou de lazer. Ferramenta referida por Saramago em tantas passagens desta sua *Viagem*, foi usada naturalmente para se orientar e definir um destino: “olhando o mapa, o viajante decide: ‘Começo aqui’” (JS, p. 104).

O papel, a importância e o significado dos mapas mudaram desde que Saramago realizou esta viagem, como mudou também a nossa relação com eles desde que apareceu o sistema de posicionamento global (GPS, Global Positioning System ou geoposicionamento por satélite) e se vulgarizaram as imagens de satélite pelo *Google Earth*. Muitos geógrafos deixaram de olhar os mapas como um meio, fundamentais para as suas atividades de investigação, passando a tê-los como um fim em si mesmo, ao apostar tudo nos sistemas de informação geográfica (SIG) e numa hiperespecialização na qual parece que se esgota todo o saber geográfico. O mapa continua a ser, apesar disso, tanto na versão impressa - mais artesanal e arcaica - como nos produzidos pela mais avançada tecnologia digital - desmaterializada e virtual -, a maneira mais eficaz de lermos e interpretarmos o território. O mapa, porque “enuncia a ideia que temos do mundo, não a sua realidade”, não perde a carga metafórica que nos leva a perguntar “como dizer o mundo através de um mapa que se limita a representá-lo reduzindo-o a meras convenções?”. Daí uma certa incompletude, pois revelam, tal como o atlas, “o essencial, mas não o todo. Falta à sua opção conceptual uma polpa adicionada pela literatura e pela poesia” (ONFRAY, 2009, pp. 21, 30 e 31).

Na hora de sistematizar a informação recolhida no terreno e através de muitas fontes escritas e visuais, por exemplo os mapas, José Saramago organizou a sua *Viagem a Portugal* nos seguintes seis capítulos: *De Nordeste a Noroeste, duro e dourado*; *Terras Baixas, vizinhas do mar*; *Brandas Beiras de Pedra, paciência*; *Entre Mondego e Sado, parar em todo o lado*; *A grande e ardente terra de Alentejo*; *De Algarve e sol, pão seco e pão mole*. Esta organização tem implícita uma divisão regional de Portugal que nos remete para uma breve reflexão sobre a regionalização e as vicissitudes de um longo e inconclusivo processo. Em 1981 a regionalização era um tema que estava na agenda política do país, tendo o governo criado um Secretariado Técnico para a Regionalização (Resolução 231/81) e definido as linhas gerais do processo de regionalização do Continente (Resolução 1/82), que passaram a constar de um Livro Branco produzido para orientar o debate público, ocorrido em 1982. O ano da morte da regionalização viria a ser, contudo, 1998, quando um referendo realizado para este efeito teve o desfecho conhecido de todos.

## Viagem a Portugal segundo Saramago

[Os mapas reproduzidos representam alguns itinerários sugeridos pelo autor a quem pretenda reproduzir a sua experiência]



Fonte: *Viagem a Portugal*. Círculo de Leitores (1ª edição; 1981).

A divisão regional adotada por Saramago permite interrogar porque optou por esta geografia em detrimento da mais difundida, baseada no mapa elaborado por Amorim Girão, publicado no *Esboço duma Carta Regional de Portugal* (1933), que o Estado Novo tinha amplamente difundido ao ponto de estar presente em todas as escolas primárias do país. Embora fosse o mais representativo da cultura territorial dominante, o autor rejeita este mapa por associá-lo, eventualmente, ao conteúdo político e ideológico que encerrava, passando a assumir a carta da divisão regional adotada com o advento da democracia, baseada num projeto de divisão regional apresentado pelo Ministério da Administração Interna (MAI). Esta proposta foi, posteriormente, assumida pelo Partido Comunista Português e vertido no projeto de Lei nº 68/1, de 16/6/77, apresentado pelo seu Grupo Parlamentar. O modelo territorial que lhe serviu de contraponto baseava-se num estudo do Departamento Central de Planeamento (DCP) e viria a ser assumido pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista (Projeto de Lei nº 226/1, de 22/3/79). Este mapa, por estar na base da divisão regional submetida a sufrágio fora, portanto, recusada no dito referendo de 1998. A proposta de divisão regional do MAI acabaria por evoluir, conhecer subsequentes adaptações, acabando por se transformar na base territorial de atuação das Comissões de Planeamento Regional e, com a entrada na CEE, das Nomenclaturas de Unidades Estatísticas (NUTS).

Uma análise mais fria da *Viagem a Portugal* revela outro pormenor interessante quando comparamos o mapa mental seguido por José Saramago com a geografia regional do País. Fazendo equivaler a extensão de cada um dos capítulos às dimensões das regiões de planeamento, chegamos à conclusão que estes dois mapas (ficcional e real) ocupam espaços não tão substancialmente diferentes: o espaço dedicado no livro à Região Norte ocupa 163 páginas (*De Nordeste a Noroeste, duro e dourado*), o que representa 27,3 % da obra, valor não muito diferente dos 23,3% da superfície e 35% da população que realmente detêm no total do continente; o Centro (*Terras Baixas, vizinhas do mar e Brandas Beiras de Pedra*), conta com 112 páginas (26,5% do total, valor ligeiramente superior aos 25,6% da área e 16,5% da população); Lisboa e Vale do Tejo (*Entre Mondego e Sado, parar em todo o lado*), com 143 páginas (23,9 %), situa-se entre os 12,3% da área e 34,5% de população; Alentejo (*A grande e ardente terra de Alentejo*), aparece numa situação oposta a anterior, já que ocupa apenas 90 páginas (15,1%), embora represente 29,3% da área com apenas 5% da população; Algarve (*De Algarve e sol, pão seco e pão mole*), com 30 páginas (5,0%)

está em linha com a área (5,4%) e a população (4.3%) que representa no todo nacional (4.3%).

### **3 - A Geografia de Portugal segundo José Saramago: legendas para um mapa**

“Todo o viajante tem direito de inventar as suas próprias geografias. Se o não fizer, considere-se mero aprendiz de viagens, ainda muito preso à letra da lição e ao ponteiro do professor”  
(JS, p. 504)

A descrição dos lugares e dos territórios feita na *Viagem a Portugal* tem latente uma geograficidade que remete para temas de Geografia física e humana que se podem considerar verdadeiras legendas do mapa de Portugal literariamente desenhado por José Saramago. Nessa cartografia, como vimos, deixou implícita uma hierarquia de lugares cuja importância é estabelecida em função dos que mais o sensibilizaram, impressionaram ou atraíram. Destacou, em muitas passagens, um encontro inesperado, um desvio fora da rota estabelecida, um acidente geográfico, ou mesmo alguma pessoa com quem se cruzou durante a viagem. Assim se explica que aldeias como Cidadelhe ou Monsanto sejam mais referidas que muitas cidades, certos rios e serras tenham recebido nome próprio - honra apenas concedida ao Senhor Guerra, natural de Cidadelhe, empregado do Hotel Turismo da Guarda, de quem ficaria amigo.

Saramago guardou o melhor da sua arte para momentos especiais, descrever o modelado de certos montes recortando o cromatismo que as estações do ano imprimem na paisagem ou o azul do céu num cenário de Outono. Foi parco e econômico no relato dos restantes lugares que observou, descrevendo o essencial da paisagem e do património, chamando a atenção para serras, vales, árvores, castelos, antas, mosteiros ou igrejas, das quais destacou as românicas pela sua impressiva austeridade. O tempo mais demorado foi gasto a descrever certos detalhes que sublinham injustiças territoriais (despovoamento, abandono e ausência dos espaços rurais, por exemplo), desigualdades ou modos de vida duros e injustos, impostos aos segmentos sociais mais vulneráveis, evidenciando uma coerência que está em sintonia com o engajamento social e político do autor. Esta *Viagem a Portugal* encerra, pois, uma Geografia de Portugal em que José Saramago deixou plasmado tanto a sua cultura territorial como um acutilante olhar sobre o país.

### 3.1 - Geografia física: terra, ar, água; (geo)morfologias e ambiente

“Procura pedras, mas as outras, as que nenhum escopro bateu, ou, tendo batido, nelas deixou intacta a brutalidade”  
(JS, p. 326)

A terra, o ar e a água são elementos telúricos de que o autor se socorre para apreciar a evolução da paisagem e o modelado do relevo, ressaltar a degradação ambiental e os riscos naturais, que resultam tantas vezes de incorretas intervenções humanas.

*Terra: litologia e património natural.* Os agentes erosivos modelam a serra e o vale, o planalto e a planície consoantes à litologia e à sua atuação se processam no xisto, granito, calcário ou arenito. Por isso “o viajante, que algumas vezes tem lastimado as fragilidades da pedra, pode agora pasmar com a resistência desta: quinhentos verões de calor assim, até um santo de granito teria o direito de dizer basta e sumir-se em pó” (JS, p. 520). As rochas já não são consideradas, apenas e só, simples recurso ou matéria-prima: “Pasma diante da grande e única laje granítica que faz de praça, eira e cama de luar no meio da povoação” (JS, p. 41). A pedra, quando a ação humana ou da natureza é suficientemente pródiga para lhe conferir uma estética que a eleve à condição de arte, pode adquirir o estatuto de património geomorfológico:

Nota-se como tem influência na expressão da obra o material empregue: este mármore de Estremoz é incomparavelmente mais comunicante do que o alabastro rico do Convento da Pena. A não ser que tudo seja mera questão de gosto pessoal (JS, p. 527).

*Ar: climatologia vivida e meteorologia aplicada.* A viagem é sempre condicionada pelo clima, o que levou o autor a aconselhar “ver na Primavera o que se vira no Verão” ou “com sol onde primeiramente a chuva caia” (JS, p. 627). O tempo tanto desperta momentos de exaltação, elevação interior ou expõe a situações extremas e a riscos climáticos, como acontece com os efeitos nefastos das ondas de calor: “Provavelmente por efeito do calor, o viajante não está nos seus dias de maior clareza, mas espera que o entendam” (JS, p. 544).

*Água: hidrografia, cheias, inundações.* A água marca a paisagem e os ritmos da ação humana, provoca cheias e inundações. Tais riscos hidrológicos não deixam de ser, também, uma bênção natural:

(...) aqui, as águas que a ribeira leva e se juntam às do rio Sabor refluem diante do grande caudal do Douro e vêm espriar-se por todo o vale, onde ficam a decantar as matérias fertilizantes que trazem em suspensão. É a rebofa, dizem os habitantes de cá, para quem o Inverno, se a mais se não demanda, é uma estação feliz.” (JS, p. 41).

Poluição fluvial: “Não vale a pena ir ver outra vez o rio: nem sequer é um morto limpo” (JS, p. 403); “o Almonda é um rio de águas mortas, vida, nele, só a da podridão. Em criança tomou banho neste pego.” (JS, p. 402).

*Ambiente, riscos naturais e antrópicos.* A *Viagem* contém referências a vários tipos de riscos, a começar pelos sísmicos que afetaram Lisboa ou Vila Real de Santo António (1755), “urbe submersa pelo tempo, arrasada por terremotos e que, enquanto cresce, a si mesma se vai devorando” (JS: 466). São ainda mencionadas diferentes formas de degradação antrópica da paisagem (pisoteio dunar, desabamento de frágeis arribas etc.) motivadas pelo turismo ou pela pressão urbanística:

A imagem do hotel não o larga. Aquela arriba parece forte, sem dúvida, mas aguentará ela? Não tem esta inquietação que ver com o peso do edifício, mas com o direito que a qualquer pedra honrada assiste de alijar de seus magoados ombros insuportáveis cargas físicas e morais (JS, p. 450).

Outros tipos de poluição. As atividades humanas também são geradoras de focos poluidores. Passivos ambientais resultantes da exploração mineira: “são os montes de detritos das minas da Panasqueira” (JS, p. 338); industrial: “e grandes são também as chaminés por toda a recortada margem que se estende de Almada a Alcochete, com as suas torrentes aéreas de fumo branco, amarelo, e ocre, ou cinzento, ou negro” (JS, p. 495); perigo nuclear:

A Ferrel foi por uma razão só: ser esta a localidade donde se prevê, ou previu, construir uma central nuclear. (...) o viajante interroga-se sobre os tempos em que vierem a esgotar-se as fontes de energia conhecidas, e se, então, as fontes de energia alternativa limpa (solar, eólica, marítima) encontrarão maneiras racionais e económicas de exploração. O homem tem sido um animal envenenador, por excelência o animal que suja (JS, p. 438).

E ainda,



O viajante faz o que seria de esperar: assoma à pequena varanda, quanto basta a um poeta, olha por cima das casas novas os campos antigos, e tenta compreender o segredo de palavras que parecem tiradas apenas dum compêndio de geografia (JS, p. 530).

### **3.2 - Geografia humana: paisagem, (des)povoamento, modo de vida.**

Alguns fragmentos da *Viagem* podiam ilustrar os compêndios de Geografia que pretendam explicar certas mudanças pelas quais passou o país ou evidenciar as suas principais clivagens e assimetrias, designadamente as que se verificam entre o litoral e o interior, o rural e o urbano ou o norte e o sul. Portugal é, como sabemos, um palimpsesto onde está registada a memória material e intangível da luta secular do homem pela sobrevivência e a cada dia se inscreve a superexploração abusiva e a especulação de recursos, que potenciam a vulnerabilidade ambiental e o ordenamento inadequado do território. Apesar de ser um pequeno país encerra uma grande diversidade paisagística:

Voltou a Castro Daire, sobe o que desceu, e agora vai atravessar este lado da serra de Montemuro, paisagem tão diferente, árida, outra vez barrocos, o mato bravio, o osso cinzento da montanha posto à vista. Em meia dúzia de quilómetros ficou mudada a face do mundo (JS, p. 299).

*Paisagem.* Não se fica indiferente à paisagem, cuja contemplação pode despertar introspeção e mudança de estado de espírito: “Já quando saiu de Marialva acontecera o mesmo. As grandes impressões põem uma pessoa a olhar para dentro de si, mal vê a paisagem e o que a mais se mostre” (JS: 291). A tensão entre o meio e a ação humana espelha-se na paisagem: “depois veio o homem e pôs-se a fabricar terra” (JS, p. 74); “e agora, tornando a subir, repara nas casas dos lavradores dispersas pelo vale, muito trabalho aqui se fez para tornar isto um jardim” (JS, p. p. 269). No Douro, onde melhor se conjugou tal relação, atingiu-se uma harmonia que permitiu o reconhecimento como Patrimônio da Humanidade de “uma paisagem ampla, montanhosa, de grandes vales abertos, todas as encostas em socacos verdíssimos, amparados por muros de xisto” (JS, p. 241).

*Povoamento.* Os lugares e o seu alfoz estruturam o território e definem diferentes padrões e tipologias de povoamento consoantes aos contextos

regionais, acabando por conferir significados distintos ao que se considera rural e urbano. O local e a posição específicos de cada lugar foram ditados pela geografia que, em muitos casos, lhes traçou a função:

Em geral, põem-nos nuns altos inacessíveis, que nem o viajante percebe que interesse havia em conquistá-los, quando nos vales é que as riquezas agrícolas e pecuárias se criam, e os bens lazeres se desfrutam, às beiras do rio, na horta e no pomar, ou cheirando as rosas no jardim (JS, p.518).

Com o tempo pode ocorrer a mudança funcional:

É certo que o destino das vilas altas é esmorecerem com o tempo, verem os filhos descer ao vale onde a vida é mais fácil e o trabalho melhor se alcança, mas o que não se pode entender é que se assista de coração indiferente à morte do que apenas esmorecido está, em vez de se lhe encontrarem novos estímulos e energias novas. Um dia equilibraremos a vida, mas já não iremos a tempo de recuperar o que entretanto se perdeu (JS, p. 290).

*Toponímia.* É preciso estar atento ao nome que identifica cada lugar: “Penacova, nome que consegue a suprema habilidade de conciliar uma contradição, reunindo pacificamente uma ideia de altura (pena) e uma ideia de fundura (cova)” (JS, p. 236). A toponímia é uma referência que marca, quase sempre, tanto o espírito como a identidade do lugar: “O carvalho para ser útil tinha de morrer. Tanto o mataram, que o iam exterminando. Em alguns lugares não resta mais que o nome: o nome, como sabemos, é a última coisa a morrer” (JS, p. 445). O entorno, como o nome, também lhes molda o caráter: “Há lugares por onde se passa, há outros aonde se vai. Monsanto é destes” (JS, p. 325).

*Povoamento: tempo e imagem.* O tempo longo confere espessura aos lugares:

Nestes lugares, as idades são como largas marés. Veio o romântico e construiu, depois o gótico acrescentou, se renascença houve deixou sinal, o barroco apartou para o lado e fez alguns estragos, enfim, entre ir e vir, se para isso houve força bastante e poder de sedução, aonde a onda mais alta chegou, deixou bandeira (JS, p. 314).

O tempo sedimenta na paisagem sutis e indescritíveis encantos: “é um quadro que ninguém poderá pintar, é uma sinfonia, uma ópera, é o inexprimível” (JS, p. 73);

e mais do que as povoações, esta beleza calma da paisagem, terra de agricultores, muita vinha, pomar, horticultura, constante ondulação do terreno, tão regular que tudo é colina e longo vale. A paisagem é feminina, macia como um corpo deitado, e tépida neste dia de Abril, florida nas bermas da estrada, fertilíssima nas lavras, já rebentando as cepas plantadas a cordel, geometria rara nesta nossa inconsequente pátria (JS, pp. 409-410).

Outras paisagens, outras (geo)grafias: “encostas cultivadas em socalcos, cobertas de vinhas de cima a baixo, a grafia dos murros de suporte que vão acompanhando o fluir do monte, e as cores, como há de o viajante, em prosa de correr, dizer o que são estas cores”(JS, p. 73). Junto ao mar as aldeias de pescadores viraram lugares de veraneio e turismo:

Palheiros de Mira, entrando, é uma terra igual a outras da costa do mar: ruas largas, casas baixas, vá lá que uma pequena subida perpendicular ao passeio marginal, como se ao comprido da linha da praia se tivesse levantado um dique (JS, p. 206).

*Cidade e periferias urbanas.* A cidade é outro universo, permite outras viagens: “Mas Nicolau Nasoni riscou no papel viagens não menos aventurosas: o rosto em que uma cidade se reconhece a si própria” (JS, p. 184). Ao percorrer o Porto observou novas realidades e ambientes distintos: “durante meia manhã andaré por este Bairro do Barredo, a ver se aprende de vez o que são ruas húmidas e viscosas, cheiros de fossa, entradas negras de casas” (JS, p. 176). Algumas cidades, como esta, têm personalidade vincada: “ter a ilusão de que todo o Porto é Ribeira. A encosta cobre-se de casas, as casas desenham ruas, e, como todo o chão é granito sobre granito, cuida o viajante que está percorrendo veredas de montanha. Mas o rio chega aqui acima” (JS, p. 179). As periferias urbanas tiveram mudanças profundas, transformaram-se em espaços complexos, imbricados, de transição e de indecifráveis fronteiras entre o rural e o urbano:

Estas terras por onde vai passar são povoadíssimas, as aldeias quase vizinhas de patamar, cada qual espreitando a próxima, de vertente para vertente. Começa aqui o desconhecido. É um modo de falar, claro está, que a capital está perto, mas que se

há de dizer de uma região aonde poucos vêm, precisamente por ser pequena a viagem? (JS, p. 409).

(Des)povoamento; êxodo, ausência, abandono. Interioridade rima com despovoamento: “É um caminho de grande solidão: são dezenas de quilômetros sem vitalma, montes em cima de montes, como pode ser tão grande tão pequeno país” (JS, p. 354). É difícil percorrer vastas áreas do país sem se ser assaltado por algum pessimismo e desencanto; as aldeias são vistas como lugares sem retorno, à mercê de todos os fatalismos: “entre Ponte de Sor e Alter do Chão, por estas grandes solidões de sobreiros e restolhos” (JS, p. 517); “Cidade Ihe, calcanhar do mundo. Eis a aldeia, quase na ponta de um bico rochoso entalado entre os dois rios” (JS, p. 261). “A aldeia é toda de pedra. Pedra são as casas, pedra as ruas. A paisagem é pedra. Muitas destas moradas estão vazias, há paredes derruídas. Onde viveram pessoas, bravejam ervas” (JS, p. 263). Outros contextos, o mesmo sentimento: “estão as salinas desertas, os moliceiros encalhados, os mercantéis ausentes. Resta a grande laguna e a sua silenciosa respiração de azul” (JS, p. 190). Percorrem-se caminhos sem vitalma: “até São Brás a estrada faz boa companhia. Atravessa um grande ermo, paisagem de cabeços arredondados, mar picado de vaga curta, uma e outras pequenas tabuletas de madeira indicam o caminho para montes que da estrada não se avistam, nem sequer a ponta duma chaminé” (JS, p. 570). É difícil mudar de opinião quando se atravessam campos e territórios abandonados: “Entre Vilar Formoso e Almeida não há que ver. Terras planas que dão uma impressão certamente errada de abandono, pois não é crível que se deixem sem cultivo tão grandes extensões. Mas este lado da Beira parece desértico, quem sabe se por ter sido terra de invasões” (JS, p. 281). Mesmo quando pouco habitados, um adequado ordenamento do território não deve prescindir do papel que estes lugares podem desempenhar: “O Convento da Flor da Rosa, hoje meio arruinado, continua a reger e a governar o espaço que o rodeia” (JS, p. 521).

Aldeias, casas, sociedade, estrutura familiar, tudo foi profundamente alterado: “A casa mais antiga é uma casa deserta. Restam uns tios, uns vagos primos, a grande melancolia do passado pessoal: pensando bem, só o passado coletivo é exaltante” (JS, p. 403). Contudo, subsistem permanências, persistem equilíbrios: “É o Cávado aqui uma beleza, entre as margens altas, que as necessidades urbanas ainda assim respeitaram. Lá está a azenha que vista da outra margem humaniza a aridez da grande muralha superior, as ruínas do Paço dos Condes” (JS, p. 160).

As paisagens agrárias do país são variadas e múltiplos os tipos de agricultura: “Em Aguçadora, os campos-masseiras inventam agriculturas entre areias estéreis. Transporta-se a terra, o húmus, os férteis detritos vegetais, as algas colhidas do mar, e armam-se canteiros protegidos do vento, e tudo isto é como cultivar hortas no deserto” (JS, p. 115);

depois do Azevedo o que se vê é um grande deserto de montes, com terras tratadas onde foi possível. Há searas, breves, as de mais intenso verde são de centeio, as outras de trigo. E nas terras baixas cultiva-se a batata, o geral legume. Pratica-se uma economia de subsistência, come-se do que se semeia e planta.

O Alentejo é, como se sabe, um caso à parte no panorama agrário nacional, tema que Saramago explorou num dos seus romances: “Vede como estão secos estes ribeiros, o barranco de Marzelona, a ribeira de Terges, os minúsculos, invisíveis afluentes que não se distinguem da paisagem tão seca como eles. Aqui se sabe, sem ter de recorrer aos dicionários, o que significam estas três palavras: calor, sede, latifúndio” (JS, pp. 586-587).

A vida no campo sempre foi dura e difícil, sendo imprevisível “a miséria a que podem chegar homens, ficando nela a vida inteira e nela morrendo” (JS, p. 157). As políticas públicas implementadas no espaço rural foram incapazes de reverter tendências tão pesadas e negativas: “Para estes lados, há umas povoações a que chamam ‘aldeias melhoradas’. São elas Vila Verdinho, Aldeia do Couço e Romeu. Por causa da singularidade do nome, e também porque um grande leteiro informa haver aí um museu de curiosidades, o viajante escolhe Romeu para maior demora” (JS, p. 44). À medida que a *Viagem* progride o autor discorre sobre o problema social nos campos: “se não vê uma simples casa, pode permitir-se pensar que a grande propriedade é inimiga da densidade populacional” (JS, p. 530). Superar tão velhos problemas implica encontrar novas soluções, pelo que recomendou à dada altura: “Castelo Rodrigo tem de fazer o inventário das suas armas próprias e lutar pela vida: é o conselho deixado pelo viajante, que nada mais pode”.

## Bibliografia

SARAMAGO, José. (2011 [1981]) *Viagem a Portugal* 23<sup>a</sup> ed. Portugal: Editorial Caminho – Leya.

\_\_\_\_\_. (1986) *A Jangada de Pedra*. Portugal: Círculo de Leitores.

\_\_\_\_\_. (2008) *A Viagem do Elefante*. Portugal: Editorial Caminho.

### **Literatura e geografia: enquadramento**

BACHELARD, Gaston (1957;1993) *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

BAILLY, Antoine (2001) L'humanisme en géographie. In: BAILLY, A.; et al. *Les concepts de la géographie humaine*. Paris : Armand Colin, pp. 213-222.

FRÉMONT, Armand (1976; 1980) *Região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina.

CLAVAL, Paul (2013) *Le rôle du terrain en géographie*. [O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo], *Confins*, 17. Disponível em: <<http://confins.revues.org/8373>> Acessado em: 15 dez. 2014.

LACOSTE Yves (1990) *Paysages politiques*: Braudel, Gracq, Reclus. Paris: Librairie Générale Française.

ONFRAY, Michel (2009) *Teoria da Viagem: uma poética da geografia*. Lisboa: Quetzal.

POCOCK, D. C. (1984) La géographie humaniste. In : BAILLY, A. et al. *Les concepts de la géographie humaine*. Paris : Masson, pp. 133-138.

ONFRAY, Michel (2009) *Teoria da Viagem: uma poética da geografia*. Lisboa: Quetzal.

### **Geografia e literatura: Portugal**

BARBERO, Ana (2007) A Rota dos Escritores do Século XX como ejemplo de proyecto de dinamización territorial a través de la puesta en valor del patrimonio imaterial. In: MARCOS DE DIOS, Angel (coord.) *Aula Ibérica*. Salamanca: Ed. Univ. de Salamanca, pp. 195-208.

CARVALHO, Paulo (2008) Literatura, paisagem e geografia histórica. Revisitar Miguel Torga a pretexto dos ambientes de montanha. *Cadernos de Geografia*, nº 26/27. Coimbra: IEG, nº 26/27.

CHOUPINA, Francisco A. A. (2005) *O lugar do meio: uma leitura geográfica da obra de Miguel Torga*. 331 f. Dissertação de mestrado em

Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

CRAVIDÃO, Fernanda (1992) Ficção, espaço e sociedade: notas para uma leitura geográfica e social da obra de Alves Redol – Avieiros. *Cadernos de Geografia*, nº 11, Coimbra: IEG, pp. 37-47.

\_\_\_\_\_; MARQUES, Marco (2000) Literatura e Geografia - outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira de Castro. *Cadernos de Geografia*, nº 19, Coimbra: IEG, pp. 23-27.

\_\_\_\_\_. (2007) Gândara: encontro entre as paisagens literárias e o espaço vivido. In: *Geophilia, o sentir e o sentido da Geografia* (Livro de Homenagem a Jorge Gaspar). Lisboa: CEG, pp. 129-135.

GASPAR, Jorge (2001) O retorno da paisagem à geografia: apontamentos místicos. *Finisterra*, XXXVI, 72, pp. 83-99.

\_\_\_\_\_. (2003) O Fascínio dos mapas In: CAMPAR, António; et alii. *Olhar o mundo, ler o território*. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos; Centro de Estudos Geográficos; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 27-31.

GIRÃO, A. de Amorim (1952) Geografia e Literatura. *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, 4/5, Coimbra: Faculdade de Letras, pp. 105-107.

JACINTO, Rui (1995) As outras geografias: a literatura e as leituras do território. *Cadernos de Geografia*, Coimbra: IEG.

\_\_\_\_\_. (1998) Fernando Namora e a geografia da sua obra. In: JACINTO, Rui; et al. *Fernando Namora: nome para uma vida*. Castelo Branco: Câmara Municipal de Castelo Branco.

\_\_\_\_\_. (2005) Entre margens e fronteiras: para uma geografia das ausências e das identidades raianas. *Iberografias*, nº 4, Coimbra: CEI - Campo das Letras, Guarda.

\_\_\_\_\_. (2011) Transversalidades. Interioridades, insularidades. Apontamentos de viagem ao interior da Beira e ao Arquipélago de Cabo Verde. *Iberografias*, nº 17, Coimbra: CEI, pp. 27-65.

OLIVEIRA, José Osório de (1931) *Geografia literária*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

### **Geografia e literatura: Brasil**

IBGE (2006) *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras. 1. Brasil meridional*. Rio de Janeiro: IBGE.

HAESBAESRT, Rogério (1996; 2009) Território, poesia, identidade. In: *Territórios alternativos*. São Paulo: Editora Contexto. pp. 143-158.

MACIEL, Caio A. A. (2009) Sertões nordestinos: literatura e retórica da paisagem. In: IBGE. *Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras. 2. Sertões brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE - Coordenação de Geografia, vol II, p. 118.

MARANDOLA JR., Eduardo (2010) Geograficidades vigentes pela literatura. In: SILVA, Maria A. da; SILVA, Harlan R. Ferreira da (orgs.) – *Geografia, literatura e arte: reflexões*. EDUFBA, Salvador, Bahia: 21-32.

MONTEIRO, Carlos A. de F. (2008) O pacto das veredas mortas. In: MONTEIRO, Carlos A. de F. *Geografia sempre. O homem e seus mundos*. Campinas: Edições Territorial, pp. 151-172.

SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (orgs.) (2010) *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador: EDUFBA.

Data de submissão: 05/11/2014.

Data de aceite: 20/04/2015.